IMAGINÁRIO E CIDADE: CONSTITUIÇÃO E REPRESENTAÇÃO SOCIAL (ST 13)

Priscila Müller Lerias
UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, PROPUR | priscila.lerias@gmail.com

Sessão Temática 13: colonialidade do saber urbano e regional

Resumo: Este ensaio coloca a relação do imaginário-cidade como enfoque principal. Procura-se trazer algumas interpretações a respeito do conceito de imaginário, assim como entender em que medida esse está relacionado com a formação das cidades. O imaginário aqui é entendido como construção social coletiva que interfere tanto na dimensão mental, do inconsciente, quanto na dimensão material do indivíduo e de uma sociedade. Dessa forma, entende-se que a formação das cidades está alinhada com um determinado imaginário, ou imaginários e, assim, analisá-lo é uma forma de olhar criticamente para a cidade que produzimos e que reproduz e representa nossa forma de habitar o mundo. Buscar entender o imaginário, sua formação e suas implicações, é buscar entender nossos processos sociais antes das nossas representações. Assim, caso a intenção seja modificar a cidade e/ou as formas que nos organizamos socio espacialmente enquanto sociedade, é necessário revermos as bases formadoras do nosso imaginário ou trazer ao centro outros imaginários que são representados de maneiras diferentes ou formados a partir de outras epistemes e ontologias que não aquelas hegemônicas na atualidade.

Palavras-chave: imaginário; representação; produção de cidades; colonialidade; contracoloniaidade.

IMAGINARY AND THE CITY: CONSTITUTION AND SOCIAL REPRESENTATION

Abstract: *This essay places the relationship between the imaginary and the city as its main focus. The aim is to bring some interpretations regarding the concept of imaginary, as well as to understand to what extent it is related to the formation of cities. The imaginary here is understood as a collective social construction that interferes both in the mental dimension, of the unconscious, and in the material dimension of the individual and a society. In this way, it is understood that the formation of cities is aligned with a certain imaginary, or imaginaries and, therefore, analyzing it is a way of looking critically at the city that we produce and that reproduces and represents our way of inhabiting the world. Seeking to understand the imaginary, its formation and its implications, is seeking to understand our social processes before our representations. Thus, if the intention is to modify the city and/or the ways in which we organize ourselves socio-spatially as a society, it is necessary to review the forming bases of our imaginary or bring to the center other imaginaries that are represented in different ways or formed from other epistemes. and ontologies other than those currently hegemonic.*

Keywords: *imaginary; representation; production of cities; coloniality; contracoloniality.*

IMAGINARIO Y CIUDAD: CONSTITUCIÓN Y REPRESENTACIÓN SOCIAL

Resumen: *Este ensayo sitúa como eje principal la relación entre el imaginario y la ciudad. El objetivo es traer algunas interpretaciones sobre el concepto de imaginario, así como comprender en qué medida se relaciona con la formación de las ciudades. El imaginario aquí se entiende como una construcción social colectiva que interfiere tanto en la dimensión mental, del inconsciente, como en la dimensión material del individuo y de una sociedad. De esta manera, se entiende que la formación de las ciudades está alineada con un determinado imaginario o imaginarios y, por tanto, analizarla es una forma de mirar críticamente la ciudad que producimos y que reproduce y representa nuestra forma de habitar el mundo. . Buscar comprender el imaginario, su formación y sus implicaciones, es buscar comprender nuestros procesos sociales antes que nuestras representaciones. Así, si lo que se pretende es modificar la ciudad y/o las formas en que nos organizamos socioespacialmente como sociedad, es necesario revisar las bases formativas de nuestro imaginario o poner en el centro otros imaginarios que están representados en diferentes espacios. formas o formadas a partir de otras epistemes. y ontologías distintas a las actualmente hegemónicas.*

Palabras clave: *imaginário; reproducción; producción de la ciudad; colonialidad; contracolonialidad.*

INTRODUÇÃO

"o imaginário social é uma das forças reguladoras da vida coletiva" (Baczko, 1991, p.28).

Passado, presente e futuro. Tempo e espaço. Dimensões do imaginário que habitam a nossa mente. Mas não só. Extrapolam o lugar mente e assentam no lugar daquilo que é da alteridade do próprio corpo, interagindo e interferindo com os corpos outros, seja o outro daquilo tudo que naturalmente se estende, faz e acontece para além do corpo que me pertence, seja o outro da outridade. Nas suas formas abstratas ou concretas, mentais ou materiais, o imaginário atua agenciando as sociabilidades mais até do que podemos mensurar e a cidade é um dos seus principais palcos de formação e ação. Pode-se afirmar que o imaginário, é em si, elemento de transformação do real e de atribuição de sentido ao mundo (Chartier, 1991, apud Pesavento, 1995, p.18).

Embora o imaginário sempre tenha se feito presente nas organizações sociais, apenas recentemente ganhou estatuto de objeto de estudo na cultura ocidental. Entretanto, já é estudado e tratado com importância por diversos autores que dão pluralidade e diversidade a sua abordagem. O viés que aqui será explorado é o do imaginário como construção social coletiva que interfere tanto na dimensão mental, e do inconsciente, quanto na dimensão material do indivíduo e de uma sociedade.

É através do imaginário que sociedades representam a si mesmas e se legitimam. Não se pode confundir imaginário com cultura, mas pode-se afirmar que ambos mantêm relação um com o outro e que operam aspectos estruturais de uma sociedade. Dessa forma, o imaginário se torna uma ferramenta interpretativa e de ação no mundo. Ele afeta comportamentos individuais e coletivos, alimenta a visão que temos do passado e as expectativas para o futuro. Atravessa o modo como nos organizamos socialmente e como representamos o nosso mundo simbolicamente.

Assim, a própria formação da cidade é a representação do imaginário de uma sociedade. A cidade como a conhecemos hoje, sobretudo aquela nos moldes ocidentais, é resultado de um imaginário específico. Por isso, interpretar o imaginário, apreendendo todos seus espectros de ação e formação, é outra forma de olhar criticamente para a cidade que produzimos e que agencia nossa forma de habitar o mundo. Este arquivo apresenta as normas de formatação do XXI ENANPUR. O uso da formatação deste arquivo é imprescindível para a avaliação do artigo e para sua inserção nos Anais do evento, no caso de aprovação para publicação. Siga atentamente as orientações, incluindo a atribuição de crédito em citações e referências e precisão das informações nas ilustrações, quadros, tabelas e demais recursos gráficos. Além disso, preserve o anonimato no manuscrito, para permitir a revisão cega em todas as versões enviadas durante o período de avaliação.

O IMAGINÁRIO

> O imaginário é, pois, representação, evocação, simulação, sentido e significado, jogo de espelhos onde o "verdadeiro" e o aparente se mesclam, estranha composição onde a metade visível evoca qualquer coisa de ausente e difícil de perceber. Persegui-lo como objeto de estudo é desvendar um segredo, é buscar um significado oculto, encontrar a chave para desfazer a representação do ser e parecer. (Pesavento, 1995, p 24).

A condição do imaginário como objeto de estudo se instaurou no fim do século XX quando da necessidade de analisar a realidade através de outros paradigmas que não aqueles criados dentro de um discurso científico unitário sobre o homem e a sociedade. No campo teórico das ciências sociais e humanas, que bem perpassam as teorias sobre a urbe, visto sua transdisciplinaridade, surgiram novos objetos de estudo como as mentalidades, as crenças, os mitos e representações coletivas traduzidas na arte, literatura e formas institucionais.

Dessa forma, a partir de uma crise dos paradigmas anteriores, instalou-se uma abertura à consideração do imaginário. A interpretação dos fenômenos sociais por meio de uma teoria geral que considera restritamente a tríade progresso, homem e civilização, se mostrava incipiente para traduzir o real, ou as infinitas ordens de sociabilidades, seus atores e suas problemáticas. Em busca de outros caminhos teóricos e de análise e, sobretudo, de outras respostas, as ciências humanas passaram a considerar uma associação multidisciplinar aos seus estudos, resgatando a importância das imagens na vida mental através da contribuição da psicanálise e da etnologia (Ibid). Assim, da mesma maneira que no século XIX, através de um racionalismo cartesiano formador do pensamento científico no Ocidente, houve uma ruptura com tudo aquilo que estava associado a pré-noções e formas de conhecimento transmitidas pela tradição ou ideologias, agora, no século XX, evidenciando as transformações que a sociedade e o próprio conhecimento científico estão sujeitos, se fez necessária outra ruptura no sentido oposto para, justamente, ampliar o campo de análise do real que a base cientificista de outrora não conseguia e nem intentava contemplar.

A consideração do imaginário, então, passou a integrar um ponto de inflexão necessário para o desenvolvimento do pensamento e conhecimento na atualidade. Bachelard, foi um dos principais atores dessa ruptura que pode ser reconhecida como uma virada epistemológica. Ao falar sobre o "espírito científico", por exemplo, o autor traz a proposição sobre os "obstáculos epistemológicos" e a importância do constante questionamento sobre o conhecimento, sobre o que se conhece por real e verdadeiro: "o obstáculo epistemológico se incrusta no conhecimento não questionado" (Bachelard, 2005, p. 19), ou "Se não há pergunta, não pode haver conhecimento científico" (Ibid, p.18). Dessa forma, é necessário entender que o conhecimento científico é uma construção – pois nada está dado – e certos conhecimentos, embora corretos, interrompem cedo demais pesquisas úteis (Ibid).

Pesavento (op. cit.), afirma que coube ao autor a iniciativa de tentar reconciliar a ciência com o sonho, de apontar a potência criadora da imaginação que, reabilitada, ocuparia o papel de base ou referência da atitude científica, nela repousando o élan criador: "estabelecia-se,

assim, o entendimento da ciência e da imaginação como ordens consistentes da realidade. Não haveria ruptura entre racional e imaginário, embora, segundo Bachelard, seus eixos de constituição fossem diferentes" (Ibid, p. 12).

Assim, o imaginário é evocação que dá sentido às coisas, mas não um ensaio do real. "A imaginação não é conhecimento, logo não há um saber imaginário que se oponha ao saber racional, mas na origem do saber científico está a imaginação criadora" (Pesavento, ibid, p. 22). Bachelard foi, então, figura importante e pioneira no que diz respeito a esse movimento de autorização à poética do sonho, pois, segundo ele, a função do irreal é psiquicamente tão útil quanto à função do real. Nessa linha de pensamento, Gilbert Durand também teve papel importante para a afirmação do imaginário e sua relevância para os estudos sociais. Segundo o autor (1989), o imaginário é um conjunto de imagens e de relações de imagens que constituem o capital pensante do homo sapiens.

Citando Dubois, Pesavento (1998, apud, 1995, p.21) lembra que, na verdade, a concepção do imaginário como função criadora se constrói pela via simbólica, que expressa a vontade de reconstruir o real num universo paralelo de sinais. Nesse sentido, Para Castoriadis (1982), o imaginário deve utilizar o simbólico para se exprimir e para existir, assim como o simbólico pressupõe a capacidade imaginária. Para o autor, o imaginário é a chave para entender os fenômenos coletivos, pois as sociedades se caracterizam como um conjunto de significações sociais imaginárias que se corporificam em instituições nas quais essas significações ganham vida externa. No sentido primeiro em que utiliza Castoriadis, o imaginário é "faculdade originária de pôr ou dar-se, sob a forma de representação, uma coisa e uma relação que não são ou nunca foram"(Ibid, p. 254). Assim, o símbolo se expressaria por uma imagem, componente espacial, e por um sentido, que se liga a um significado para além da representação explícita ou sensível.

No entanto, importante enfatizar, que no sentido de um imaginário coletivo, a sociedade forma seu simbolismo, mas não dentro de uma liberdade absoluta, pois ela se apoia nos referenciais que já existem. Suas representações teriam como base de apoio a concreticidade das condições reais de existência pois a potência criadora do imaginário não é concebida num vazio de ideias, coisas ou sensações. Ou seja, as ideias imagens precisam ter um mínimo de verossimilhança com o mundo vivido, o mundo já experenciado, para que tenham aceitação social (Pesavento, op. cit.).

Portanto, o imaginário se expressa por símbolos, ritos, crenças, discursos e representações alegóricas figurativas (Ibid), mas por eles também é formado. É traduzido por um sistema de ideias e imagens de representação coletiva (Ibid) e de discursos que pretendem dar uma definição da realidade (Le Goff, 1984). Ou seja, ideias e imagens que ao mesmo tempo habitam e são criadas, sobretudo coletivamente, por atores da sociabilidade para interagir com a realidade social. A partir disso, ampliando o campo de análise para apreender de forma clara o conceito de imaginário e suas formas de atuação, deve-se derivar para alguns questionamentos anteriores: O que é representação, como o sistema imaginário é criado e,

levando para a discussão que aqui se objetiva, de que forma ele atua na conformação das cidades e vice-versa.O título das subseções deve utilizar o estilo "XXI ENANPUR - SUBSEÇÃO" (fonte Ubuntu 12pt, alinhamento na margem esquerda, em letras maiúsculas, espaçamento entre linhas simples, espaçamento de 18pts antes e 6pts depois dos parágrafos e cor RGB 178, 25, 23.

A REPRESENTAÇÃO

Um dos significados atribuídos à palavra representação no dicionário Michaelis em português é: "Ato pelo qual se faz vir à mente a ideia ou o conceito correspondente a um objeto que se encontra no inconsciente". Já no dicionário Oxford em inglês, como cita Stuart Hall (1997), tem-se dois significados relevantes: "Representar algo é descrever ou mostrá-lo, chamá-lo na mente através de descrição ou retrato ou imaginação; colocar um semelhante disso diante de nós em nossa mente ou nos nossos sentidos; como, por exemplo, na frase: 'Esta imagem representa o assassinato de Abel por Caim" e "Representar também significa simbolizar, se colocar no lugar, ser um espécimen de, ou substituir por; como na frase, 'No Cristianismo, a cruz representa o sofrimento e a crucificação de Cristo' ". Assim, sobre representação, é necessário entender que seus caminhos se fazem não só nos signos do real, mas também na abstração e no inconsciente. Além disso, como diz Pesavento (op. cit.), é importante ressaltar que no domínio da representação, as coisas ditas, pensadas e expressas podem ter um outro sentido além daquele manifesto.

A partir do entendimento dessa noção inicial, Hall (op. cit.) afirma que, no senso comum, a representação seria o uso da linguagem, seja ela qual for, para dizer algo. Assim, a representação, que se constitui numa ordem abstrata, conecta significado e linguagem com o objetivo de passar uma mensagem. "É a produção de significado através da linguagem" (Ibid, p.16). É através da representação que parte essencial do significado é produzido e trocado entre membros de uma cultura. Contudo, esse não é um processo simples ou direto. É necessário entender a "natureza da representação".

> As figuras na pintura se colocam no lugar de, e ao mesmo tempo, se colocam para a história de Caim e Abel. Da mesma maneira, a cruz simplesmente consiste de duas pranchas de madeira pregadas em conjunto; mas no contexto da crença e do ensino Cristão, assume, simboliza ou vem para ficar no lugar de um amplo conjunto de significados acerca da crucificação do Filho de Deus, e este é um conceito que nós podemos colocar em palavras e imagens. (Ibid, p 16).

O conceito do que está representado através de um tipo de linguagem passa pela representação mental em primeiro lugar e é a ligação entre conceitos e linguagem que permite fazer referência tanto ao mundo 'real', ou concreto, dos objetos, pessoas ou eventos, quanto ao mundo imaginário, ou abstrato, dos objetos, pessoas e eventos. Há dois tipos de sistema de representação, que são maneiras de organizar, agrupar e classificar conceitos e de estabelecer relações entre eles. O primeiro correlaciona todos os tipos de objetos, pessoas e eventos ao nosso conjunto de conceitos, ou representações mentais. Ou seja, o significado

está atrelado ao sistema de conceitos e imagens formado na dimensão do pensamento. Ele depende da relação entre as coisas no mundo e do sistema conceitual. Assim, caso pessoas carreguem mapas conceituais semelhantes ou diferentes entre si, suas interpretações em relação ao mundo serão também ou semelhantes ou diferentes. É assim, por exemplo, que se pode dizer que pessoas pertencem a uma determinada cultura ou não, pois essa pode ser definida em termos de significados compartilhados ou mapas conceituais compartilhados.

Contudo, para sermos capazes de representar ou trocar significados e conceitos, é necessária uma linguagem compartilhada. Assim, o segundo sistema de representação envolvido no processo de construção de significado é justamente a linguagem compartilhada.

> Nosso mapa conceitual compartilhado deve ser traduzido em uma linguagem comum, para que possamos correlacionar nossos conceitos e ideias com certas palavras escritas, sons falados ou imagens visuais. O termo geral que usamos para palavras, som ou imagens que carregam significados é signos. Estes signos significam ou representam os conceitos e as relações conceituais entre eles que carregamos em nossas cabeças e, juntos, eles formam os sistemas de significação de nossa cultura. (Ibid, p. 18)

Dessa forma, segundo Hall (Ibid) é necessária a relação desses dois sistemas de representação para se fazer o processo de sentido em uma determinada cultura. Através de um conjunto de correspondências entre coisas (pessoas, objetos, eventos, ideias abstratas, etc) e o nosso sistema de conceitos, o primeiro sistema nos permite dar sentido ao nosso mundo. Já o segundo sistema se faz pela construção de correspondências entre o nosso mapa conceitual e um conjunto de signos, organizados em linguagens que representam esses conceitos. Assim, é importante entender que "a relação entre 'coisas', conceitos e signos encontra-se no coração da produção de significado na linguagem. O processo que liga esses três elementos juntos é o que chamamos de 'representação'". (Ibid, p. 19).

IMAGENS E CONCEITO

> As imagens trazidas pela arquitetura – ou pelo traçado da cidade, ou pela publicidade, pela fotografia, pelo cartaz, pelo selo, pela pintura, pelo desenho e pela caricatura – têm, pois, o potencial de remeter também, tal como a literatura, a um outro tempo. É o caso de um monumento que se edifica no passado, mas que é pensado e sentido a partir do presente. O espaço urbano, na sua materialidade imagética, torna-se, assim, um dos suportes da memória social da cidade. (Pesavento, 2002, p.16).

Entendendo a conceituação de imaginário e representação, é importante entender como o imaginário é criado coletivamente para, então, compreender como ele de fato influencia e atua no contexto urbano e formação das cidades. Sabendo que o imaginário trabalha sobre a linguagem, é sempre representação e não existe sem interpretação, fica claro que a base de sua criação é coletiva, pois uma cultura - que não se faz individualmente, mas em conjunto - se estrutura através desses mesmos fatores. No cenário cultural das cidades, onde a troca de experiências sociais é mais concentrada, o imaginário é a todo momento criado e recriado, especialmente quando se trata de um contexto em que as tecnologias de comunicação,

propaganda e mobilidade estão extremamente presentes na sociabilidade das pessoas que vivem esse cenário.

Como o imaginário está ligado diretamente à representação que, por sua vez, se traduz de diferentes maneiras em um mesmo contexto social, é certo afirmar que ele atua interferindo na estruturação das cidades, assim como as cidades interferem na sua formação. O que se quer dizer é que existe um jogo recíproco de influência entre o imaginário e cidade e as representações que nela são criadas. Isso pode ser bem exemplificado com a analogia de dois espelhos voltados um para o outro, onde os reflexos são compostos pela interferência de um sobre o outro. Assim, essa relação se faz através de domínios da imagem, seja ela na dimensão material ou mental. Existem os domínios representados diretamente de forma visual, como as artes visuais (pintura, desenho, fotografia, etc), as criações de vídeo (cinema, televisão, e todas suas variações atuais), as cartografias, a literatura, todo o amplo espectro das mídias jornalísticas e propagandísticas e a própria cidade no seu aspecto visual morfológico expresso na arquitetura e no urbanismo. O domínio mais abstrato das narrativas e da ordem da literatura que cria e reproduz imagens e discursos. E pode-se apontar ainda para o domínio abstrato e mental das imagens que permanecem na dimensão do pensamento e que são livres para criarem seus próprios arranjos visuais. Como afirma Durand (2002), todo pensamento repousa em imagens gerais, os arquétipos, que funcionam como determinações inconscientes do pensamento. Contudo, importante afirmar, que esses domínios não se estruturam de forma independente pois sempre se relacionarão sob influência um do outro.

Interpretar e descrever esse processo pode ser complexo pois exige compreensão da dimensão do abstrato em nossas vidas. Entretanto, por exemplo, é fácil entender que o que ouvimos e vemos no jornal, televisão e outras mídias, interfere na nossa composição de imagens mentais e que, por consequência, influencia no domínio das nossas opiniões sobre o mundo e sobre como nos colocamos e agimos nele. Uma pessoa que não tem acesso a esses meios de informação e entretenimento, por exemplo, formatará um imaginário completamente distinto daquele da pessoa que tem acesso. Será que as ideias que temos hoje sobre o mundo, a cidade, a política, os relacionamentos, etc, seria a mesma se não tivéssemos tido acesso aos mesmos conjuntos de imagens e conceitos?

IMAGINÁRIO, CIDADE E SOCIEDADE

Considerando, então, esses domínios de formação e ação do imaginário, podemos analisar melhor a sua relação com a cidade.

> A imagem, no sentido mais amplo do termo, transmite um testemunho privilegiado, tanto direto como oblíquo, massificado ou único. Muito mais do que uma ilustração acompanhando e comentando, a imagem se tornou parte integrante da elaboração de um discurso, que não pode prescindir dela. (Vovelle, 1997, p.31)

Partindo dessa afirmação de Vovelle, a primeira noção que precisa estar estabelecida é que imagens não são apenas imagens. Elas representam um discurso. E todo discurso é

estabelecido por determinados conceitos. Todo símbolo, por exemplo, é a representação de um discurso. A cidade, portanto, enquanto imagem, é a representação de um discurso, ou símbolo de um discurso. Por sua vez, o imaginário, esse sistema de imagens, pode representar e/ou reproduzir um discurso, mas também influenciar no princípio da formação do discurso. Segundo Baczko, "o controle do imaginário, (...) assegura, em degraus variáveis, um impacto sobre as condutas e atividades individuais e coletivas"(1991, apud Pesavento, 1995, p. 23). Nesse sentido, Pesavento afirma que no imaginário, sem querer reduzi-lo à ideologia, pode haver manipulação, o que joga com os sonhos coletivos e com as forças da tradição herdadas de um cotidiano imemorial, forjando, assim, mitos, ciências e símbolos:

> Sem dúvida alguma, é importante que se tenha em vista que intervém no processo de formação do imaginário coletivo manifestações e interesses precisos. Não se pode esquecer que o imaginário social é uma das forças reguladoras da vida coletiva, normatizando condutas e pautando perfis adequados ao sistema. (Pesavento, 1995, p. 23)

Assim sendo, para entender como a produção e reprodução de cidades é influenciada pelo imaginário, ou imaginários, é necessário entender o processo histórico de sua formação. Ou seja, retomando o parágrafo anterior, é necessário apontar para o discurso e os conceitos que operaram nesse processo. Para tanto, tendo em vista que as cidades se fizeram e se fazem de maneiras múltiplas, de acordo com sua formação histórica, sua cultura e geografia, é necessário discutir a partir de um recorte temporal e territorial. Desse modo, a discussão aqui será direcionada especificamente àquelas cidades em contexto latino-americano.

Sabe-se que a formação das cidades, ou os agrupamentos iniciais de caráter urbano, pós-coloniais da América Latina foi consequência e produto do imperialismo mercantil do período da modernidade iniciado no século XVI. O território de formação desses agrupamentos foi colonizado e articulado conforme as intervenções do imperialismo europeu. Entretanto, não só o território foi colonizado, como também o imaginário. A população pré-colonial, os povos originários que aqui viviam, tiveram seus modos de ser e atuar no mundo interferidos pelos modos de operar do colonialismo. Segundo Mignolo (2003), a modernidade, difundida e imposta através do imperialismo e colonialismo, operou de forma a instaurar uma colonialidade do saber, do poder e do ser nos territórios colonizados. Assim, esses cenários urbanos formados nesse processo, têm seus modos de formação importados desconsiderando os contextos específicos de cada local e cultura que aqui já estavam estabelecidos. Os pressupostos que produziram as nossas cidades da América Latina, se fizeram a partir de um contexto europeu específico - a base teórica que conformou nossas cidades foi importada pouco considerando as especificidades territoriais, étnicas e culturais aqui existentes - e ainda hoje o mesmo pensar continua a ser reproduzido, apesar de suas atualizações, na formação dos aspectos sociais e morfológicos da cidade.

A partir disso, então, o que formou essas cidades no passado, e muito do que ainda forma as cidades latino-americanas da atualidade, vem dessa importação ou herança europeia ocidental. Na medida em que colonizadores invadiram territórios e neles se estabeleceram,

todo seu conjunto de conceitos, imagens, representação e linguagem se fez ativo aqui. Com o projeto de cidade da modernidade, veio um projeto de sociedade e sociabilidade, pressupostos epistemológicos e ontológicos. Todo um novo sistema de ideias e imagens se estabeleceu. Um imaginário foi importado e instaurado.

Cabe entender e lembrar, entretanto, de dois aspectos importantes. A cidade latino-americana de hoje, ou seus aspectos urbanos, não foram estabelecidos tal como a conhecemos e entendemos hoje, apesar da base dos pressupostos de seu projeto terem se estabelecido no momento em que a colonização encontrou aqui solo fértil para sua reprodução. O outro aspecto, como diz Pesavento (2002), é entender que as representações da cidade moderna não foram simplesmente transplantadas, elas são interpretadas, ressignificadas, constituindo um novo vocabulário. Contudo, ainda, de forma geral, pode-se afirmar com base nesse projeto (e na cidade hegemônica estabelecida na atualidade, apesar de seus movimentos de insurgência) que os fundamentos teóricos herdados para essa cidade são agenciados por ideias de reprodução do capital, propriedade privada, universalidade, neutralidade e racionalidade que evocam a padronização e projetos funcionalistas pensados em função de apenas um tipo de corpo, uma ideia de "homem universal" que se constitui numa figura humana masculina, branca, cisheterossexual, sem restrições corpóreas de mobilidade e peça reprodutiva do capital. A resposta, ou o resultado, dessas características que podemos apontar está nesse cenário urbano, social e morfológico, excludente e desigual que desencadeia diversos problemas e violências sobre os corpos, principalmente os corpos humanos subalternizados pelo sistema imposto e os corpos não-humanos.

Portanto, voltando à questão do imaginário, tudo que foi produzido nessa "cidade" colonial e que se desdobra na cidade de hoje é resultado primeiro do sistema de imagens e conceitos herdados do colonialismo e pensamento europeu. Sabe-se que na sua conformação outras influências agiram sobre os territórios, visto que juntamente ao processo de colonização estava a escravatura e toda a cultura e a população de África que aqui foi forçosamente inserida. Um exemplo são os quilombos urbanos que (re)existem até hoje, principalmente nas cidades brasileiras. Entretanto, apesar dessas resistências, de movimentos de insurgência e até das táticas do cotidiano (Certeau, 1998), o que rege o sistema urbano e a morfologia das cidades ainda está muito calcado nesses conceitos de outrora.

Um exercício pertinente a se fazer para melhor visualizar a interferência do imaginário no modo como nos organizamos em sociedade e, por consequência, no modo como fazemos cidades, é pensar esse cenário de sociedade nos termos de outro imaginário, de um imaginário que se faça através de outro conjunto de conceitos e sistema de representação que não esse da colonialidade. Um bom ponto de contrapartida seria pensar através de um imaginário indígena, visto que a maior parte de sua população fez resistir, e ainda o faz, seus modos de viver apesar de toda ordem de opressão do colonialismo e da colonialidade atual, encontrando-se, assim, no lugar de uma contracolonialidade. Para tanto, trago dois exemplos de organização socioespacial em comparação.

O primeiro exemplo é a cidade de Paris no século XIX (figura 1) e a cidade do Rio de Janeiro, influenciada urbanisticamente por Paris, no início do século XX (figura 2) e a cidade de Porto Alegre no início do século XX (figura 3 e figura 4). Ambas as cidades, apesar de suas diferenciações locais e temporais, se fizeram a partir de uma mesma lógica, compartilhando grande parte de um mesmo conjunto de conceitos e imagens. Paris, cidade europeia, constituída no imaginário de "cidade moderna", desde então referência estética e de vida urbana para muitas cidades e Porto Alegre, cidade latino-americana claramente influenciada pelas reformas feitas em Paris, mas também pela cidade do Rio de Janeiro que exerceu influência no imaginário nacional através de seus projetos de modernização urbana:

Figura 1

Os boulevares. Pintura de Jean Béraud.
Fonte: Pesavento, Sandra. O imaginário da cidade. Visões literárias do urbano. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.

Figura 2

Avenida Central, 1906. Foto de Agusto Malta.
Fonte: Pesavento, Sandra. O imaginário da cidade. Visões literárias do urbano. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

Figura 3

Rua dos Andradas (Rua da Praia), 1906.
Fonte: Pesavento, Sandra. O imaginário da cidade. Visões literárias do urbano. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.

Figura 4

Abertura do viaduto Otávio Rocha em Porto Alegre, década de 20.
Fonte: Museu Joaquim Felizardo, Porto Alegre.

Já o segundo exemplo é referente ao modo de organização socioespacial indígena latino-americano. Na figura 5 está uma foto aérea de aldeia Yanomami no estado do Amazonas atualmente. O que se vê é a casa coletiva, ou aldeia, considerada uma entidade econômica e política autônoma. Já a figura 6 mostra foto de um dos sítios arqueológicos na Amazônia, no estado do Acre, que está sendo estudado desde a década de 90 através de pesquisa coordenada pelo antropólogo Eduardo Góes Neves (2022). Neves acredita que a Amazônia não é apenas um patrimônio natural, mas biocultural, e que a densidade populacional nesses territórios era muito maior do que se imaginava até pouco tempo. Estes sítios arqueológicos têm grandes estruturas de terra, aterros com materiais cerâmicos, em formatos geométricos e rede de estradas lineares:

Figura 5

Vista aérea da aldeia Demini do povo Yanomami, Amazonas.
Foto: Marcos Wesley/CCPY, 2005.

Figura 6

Geoglifos no Acre.
Foto: Maurício Paiva/ Pesquisa FAPESP.

A diferença nessa comparação é material imagética e conceitual. Acima de tudo, conceitual. O conceito, ou o sistema de conceitos e imagens (Hall, 1997) que culminaram nesses resultados partem de origens diametralmente diferentes. Dessas origens e experiências foram formados sistemas de representação diferentes. Seus mundos são diferentes e, portanto, suas representações. Se voltarmos ao pensamento de Castoriadis (1982), que diz que o imaginário é a chave para se pensar os fenômenos coletivos, podemos afirmar que esses fenômenos apontados anteriormente são frutos de diferentes imaginários. As significações sociais imaginárias se corporificaram de maneiras diferentes. O que a cidade de Paris e a aldeia Demini Yanomami tem em comum é que são organizações socioespaciais humanas, mas as suas formas de estar no mundo e de se comunicar com o mundo permanecem diferentes.

Em última instância, pode-se perceber que as cidades, sobretudo na atualidade, abrigam diferentes culturas e, portanto, diferentes imaginários que podem se interrelacionar e

interinfluenciar. Nas últimas décadas, ainda, tem agido movimentos culturais cuja intensão é, justamente, resgatar e trazer à memória da cidade outros imaginários e culturas que aqui se fazem presente como, por exemplo, daquelas de origem afrodiaspórica e indígena. Entretanto, apenas um imaginário parece exercer maior influência nesse cenário urbano, dado o que ainda vemos representado através de sua materialidade e conformação espacial. Portanto, para que um imaginário esteja com efeito presente na cidade, é condição que esteja também presente nas suas representações materiais e espaciais.

CONCLUSÃO

A consideração do imaginário como dimensão de real atuação nas esferas da sociabilidade pode ter sido considerada na teoria ocidental recentemente. Entretanto, após reconhecida sua influência e importância, sabe-se que essa dimensão sempre esteve presente nas sociedades humanas, de forma consciente ou não, sendo denominada de imaginário ou não. Portanto, como afirma Pesavento (1995, p. 24), "persegui-lo como objeto de estudo é desvendar um segredo, é buscar um significado oculto, encontrar a chave para desfazer a representação do ser e parecer". Nesse sentido, retomando Durand (2002), o imaginário é uma das faculdades mentais do ser humano, atuando através de determinações inconscientes do pensamento. Portanto, buscar entender o imaginário, sua formação e sua atuação, é buscar entender nossos processos sociais antes das nossas representações. É entender nosso funcionamento para talvez desvendar como de fato podemos operar as mudanças que queremos em uma determinada sociedade.

A cidade como a concebemos hoje, é uma das maneiras de organização em sociedade, é produto e representação de um determinado imaginário, embora nesse espaço citadino possam ser produzidos e se interrelacionarem diversos imaginários. O fato de a cidade na sua dimensão material imagética representar, de forma geral, um imaginário específico, não quer dizer que outros imaginários não possam estar presentes. Entretanto, talvez pela rigidez representativa já imposta na cidade estabelecida hoje, outros imaginários não consigam ser representados ainda de forma a gerar transformações efetivas no cenário da cidade. A memória social representada na sua materialidade e a forma que ainda sua espacialidade é articulada impede que muitos outros imaginários sejam também representados e isso, importante enfatizar, não ocorre somente como um processo natural, mas ocorre de forma deliberada. Se a cidade reproduz e representa no geral um imaginário em especial, é do interesse de alguns que assim seja. Como diz Pesavento (1995), no imaginário pode haver manipulação. As representações podem direcionar para um tipo de discurso e conjunto de conceitos e imagens.

> O discurso e a imagem, mais do que meros reflexos estáticos da realidade social, podem vir a ser instrumentos de constituição de poder e transformação da realidade. (Pesavento, 1995, p. 18)

Por isso, Bachelard (1972) argumenta que as pesquisas no campo do imaginário social podem ajudar na identificação e na compreensão dos mecanismos de manipulação e das determinações aos quais os sujeitos estão expostos, assim como conhecer os processos de enfrentamento aos obstáculos que o imaginário pode apresentar.

Portanto, a cidade e suas expressões estarão sempre interrelacionadas com o imaginário social. O que se produz na cidade interfere no imaginário já formado, ao passo que o imaginário formado interfere na maneira como entendemos e fazemos a cidade. Assim, caso a intenção seja modificar a cidade e/ou as formas que nos organizamos socio espacialmente enquanto sociedade, é necessário revermos as bases formadoras do nosso imaginário ou trazer ao centro outros imaginários que se representam de maneiras diferentes.

> "se é o olhar que qualifica o mundo, ao mudar-se a perspectiva do olhar, este mundo adquire uma nova coerência" (Pesavento, 1994, p.8, apud Fialho, 2000, p. 62).

A cidade é um processo de construção humana, que perpassa e atravessa os modos de ser dos sujeitos sociais. Refletir sobre o imaginário nos permite (re)pensar o fenômeno citadino.

REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. **Conhecimento comum e conhecimento científico**. In: Tempo Brasileiro. São Paulo, nº28, p. 47-56, jan-mar, 1972.

BACHELARD, Gaston. **A formação do espírito científico**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005.

BACZKO, Bronislaw. **Los imaginarios Sociales: memorias y esperanzas colectivas**. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión, 1991.

CASTORIADIS, Cornelius. **A instituição imaginária da sociedade**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982.

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. 3ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.

CHARTIER, Roger. **O mundo como representação**. Estudos Avançados. n. 11, v. 5, 1991.

DUBOIS, Claude Gilbert. **L'imaginaíre et la perspective au XVI siecle: formalisme scientifique et réalisme imaginaire**. Cuhien, de l'Imaginaire. n. 1, Paris, 1988.

DURAND, Gilbert. **Estruturas imaginárias do imaginário**. São Paulo: Martins Fontes, 3ª. ed., 2002.

FIALHO, Daniela Marzola. **O Tempo e a Forma da Cidade: o curso do discurso**. 2000. 168 f. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano) – Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2000.

HALL, Stuart. **Representation: cultural representations and signifying practices**. London: Sage, 1997.

LE GOFF, Jacques. **L'histoire et l'imaginaire. Entretien avec Jacques Le Goff**. apud CAZENAVE, Michel et alii. **Mythe.f et histoire**. Paris, Albin Michel, p.-55, 1984.

MIGNOLO, Walter. **Historias locales/disenos globales: colonialidad, conocimientos subalternos y pensamiento fronterizo**. Madrid: Akal. 2003.

NEVES, Eduardo Góes. **Sob os tempos do equinócio**: oito mil anos de história na Amazônia central. São Paulo: Editora UBU, 2022.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Em Busca de Uma Outra História: Imaginando o Imaginário. Revista Brasileira de História, São Paulo, v. 15, n.29, p. 9-27, 1995.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. História e imaginário urbano. Porto Alegre: UFRGS,

1994.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. O imaginário da cidade: visões literárias do urbano – Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre. Porto Alegre: Editora da Ufrgs, 2002.

VOVELLE, Michel. Introdução. In: Vovelle, Michel. Imagens e Imaginário na História: Fantasmas e certezas nas mentalidades desde a Idade Média até o Século XX. São Paulo: Ed. Ática, 1997.